

“A POESIA POPULAR BRASILEIRA” EM JOSÉ VERÍSSIMO¹

Alessandra Greyce Gaia Pamplona²

RESUMO

Em 1879, José Veríssimo lança uma série de três artigos na imprensa paraense. Momento seguinte ao da publicação de seu primeiro livro, “Primeiras Páginas” (1878), esses textos vêm representar o pensamento social desse escritor a respeito do homem *amazônida* e sua inserção na Literatura. “Cantos populares no Brasil”, “A modinha e a canção popular”, “O conto popular”, todos publicados aos domingos no jornal “Liberal do Pará”, de 1879, e, posteriormente, reunidos nos “Estudos Brasileiros” de 1889 sob o título “A Poesia Popular Brasileira”, constituem um documento valioso no que diz respeito à “descoberta do povo brasileiro”. Baseado em teses de Peter Burke, este trabalho objetiva analisar o modo como Veríssimo se apropriou do conceito “povo” para justificar um dos critérios de nacionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: século XIX; José Veríssimo; “Poesia Popular Brasileira”.

ABSTRACT

In 1879, José Veríssimo published a settle of three articles in the paraense press. After the publication of his first book, “Primeiras Páginas” (1878), these texts represent the social thought of this writer about the “amazônida” man and his insertion in Literature. “Cantos populares no Brazil”, “A modinha e a canção popular”, “O conto popular”, published in the “Liberal do Pará newspaper, in 1879, and, after that, they were gathered in “Estudos Brasileiros” (1889) under the title “A Poesia Popular Brasileira”, are an important document regarding the discovery of Brazilian people. Based on Peter Burke’s theories, this work aims to examine how Veríssimo used the concept of popular culture in order to justify the nationality.

KEYWORDS: Nineteenth century; José Veríssimo; “Poesia Popular Brasileira”.

1. INTRODUÇÃO

Si precedencias em trabalhos litterarios fossem titulos à estima ou ao favor públicos n’esta província, me pejaria eu sem duvida de recordar, a propósito do livro cuja epigraphe copiei em cima d’este artigo, que fui o primeiro a ocupar-me aqui do estudo da poesia popular do Brazil – tarefa que muitos terão por indigna de um espírito sério. Com effeito, si não me engano redondamente, o primeiro trabalho que sobre semelhante objecto n’esta província se escreveu, foi o por mim publicado em folhetins do “Liberal do” Pará de Janeiro, Fevereiro e Março de 1879.

José Veríssimo.

Alessandra El Far (2004), no capítulo “O universo da literatura popular”, apresenta como proposição inicial a vulgarização da palavra “povo” ou “popular” por todas as esferas da sociedade carioca, nas últimas décadas do século XIX. Fato ressaltado é que, paralelamente a essa mesma vulgarização, havia uma adequação aos

¹ Trabalho realizado com apoio de bolsa CAPES.

² Graduada em Letras. Aluna do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará.

“valores” econômicos e culturais da massa nascente e indistinta de leitores³. Se, por um lado, era evidente a interferência dos editores quanto à diversificação de formatos, de gêneros literários, ou o marketing dos livreiros “para aguçar o interesse pela leitura”, por outro, a demanda de temáticas, também, indicava o quão complexo era o interesse do público. No gênero romance isso pôde ser bastante perceptível, conforme El Far:

Em suma, a disseminação do romance nacional, no interior de um processo bem mais amplo de popularização do livro, deu ensejo à criação de tramas de grande sucesso editorial baseadas na realidade local e nos dramas, angústias, tormentos e esperanças daqueles que podiam desfrutar das habilidades de leitura.⁴

Na mesma trilha dessas tramas de “sucesso editorial”, aconteciam polêmicas de ordem autoral⁵, em cuja base estava a requisição de escritores pela precedência de um trabalho. Boa parte das discussões por eles travadas representava a maneira como se relacionavam quer com a imprensa periódica, quer com seus contemporâneos, ou com o próprio assunto elegido para a publicação. O que, de fato, acontecia, nas décadas de 70, 80 e 90 do XIX, era uma batalha por direitos sociais, políticos e culturais. Os escritores ansiados por “descobrir” o povo brasileiro, traziam para seus textos as marcas de uma luta constante entre instituições com o objetivo de se estabelecer como tal.

Um exemplo notório dessas páginas de história intelectual são os desencontros de Sílvio Romero e José Veríssimo por entre a “Academia Brasileira de Letras” e os periódicos cariocas, cujo livro “Zeverissimações Ineptas da Crítica”⁶ parece ter sido o ápice. Entretanto, o objetivo deste trabalho, não se propõe a discutir o motivo de tal desavença, no entanto, compete discorrer que ela iniciara, diga-se, formalmente, em 1884, quando Veríssimo publica, em folhetim, uma série de três artigos na imprensa paraense em resposta ao trabalho de Sílvio Romero, publicado na Revista Brasileira, denominado “A Poesia popular do Brazil”.

Nessa época, Veríssimo já é um nome de prestígio na sociedade paraense, contribuindo, efetivamente, para a imprensa periódica desde 1877. Até o final da década de 80, o escritor já havia publicado três livros, fundado o jornal “Gazeta do Norte”

³ Conferir EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924), p. 77-78.

⁴ Ibidem, p. 112.

⁵ Conferir LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Direitos e Esquerdos Autorais. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

⁶ Publicado em 1905, “Zeverissimações Ineptas da Crítica” é uma resposta direta aos desafetos particulares e sociais que Sílvio Romero mantinha em relação a José Veríssimo. Conferir o trabalho de SOUZA, Ricardo Luiz de. Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero. **Revista de História Regional**, (1): 9-30, Verão 2004.

(1879)⁷, dirigido e fundado a “Revista Amazônica” e o “Colégio Americano”. Sua capacidade de articulação institucional refletia, inevitavelmente, o que era como cronista nas colunas de “folhetim”, “variedades”, “colaboração” e “ineditorial”. Seus textos pronunciavam os dilemas vivenciados por editores, redatores e os próprios escritores em busca de retratar o Brasil em seus mais diversos assuntos.⁸

O livro de 1889 – “Estudos Brasileiros” –, por exemplo, mais que uma materialização de todo esse percurso, é sinônimo, mas não pode ser reduzido a tal, de como Veríssimo se concebia como “Homem de Letras” e como ele estava em estreita relação com os intelectuais da Côrte. O diálogo entre eles não estava somente em relação à postura de homens civilizados, com o “progresso” das ciências nas mãos e com a “nacionalidade” a ser ressignificada, estava, também, marcado em índices textuais mais intrínsecos, isto é, na discussão escrita do que representavam, para eles – os escritores, os outros “intelectuais”, afinal, quase todos, viviam no mesmo campo de enunciação.

Considerando a perspectiva desse diálogo, este artigo discute um momento determinante para a composição do discurso crítico de José Veríssimo sobre a questão da produção da poesia popular brasileira que se vinha divulgando até o final da década de 1870, conforme se pode constatar nos textos críticos “Cantos populares no Brazil”, “A modinha e a canção popular”, “O conto popular”, publicados em 1879, originalmente, no jornal “Liberal do Pará”.

Dessa forma, pretende-se apresentar, por meio dessas três publicações, um perfil de Veríssimo que o acompanha desde 1877 e que representa, significativamente, não apenas a caracterização de um escritor responsável por um “ethos” social, mas também a consequência disso na construção da unidade nacional.

2. APONTAMENTOS DE JOSÉ VERÍSSIMO SOBRE “A POESIA POPULAR BRASILEIRA”

Em José Veríssimo, a “evocação ao povo” não se limita à data de 1879, quando dos textos publicados no “Liberal do Pará”, muito menos a um campo restrito de discussão,

⁷ VERÍSSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo Visto por dentro**. Série Raimundo Monteiro. Vol. III. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

⁸ Os temas estudados por Veríssimo, em Belém do Pará, podem ser citados: os costumes *amazonidas*, a educação escolar brasileira, as crônicas teatrais quando da inauguração do Teatro da Paz, o cruzamento de raças, a literatura brasileira etc. Para conferir o processo de formação da “identidade dos homens de letras” no XIX, conferir EL FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

por exemplo, a retratação feita pelos viajantes sobre os costumes e tipos raciais do recôndito brasileiro proporcionada com mais afinco pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (1838).

A epígrafe desse texto demonstra, desde já, um diálogo, senão entre homens de idéias mais ou menos divergentes, ao menos entre homens em busca de uma afirmação. Conforme a introdução, era inevitável não discutir sobre o “povo” em um período em que ele começara a ser “valorizado” por todas as esferas sociais. Por questões diversas⁹, esse “novo” elemento passa a constituir a nova feição da nação. Ganha significado e entra como um dos pressupostos para se discutir a nacionalidade brasileira.

No campo temático, tinham os escritores das últimas décadas do oitocentos brasileiro, a tarefa de minimizar os efeitos da escola romântica, que elevava o indígena à categoria de mito poético. No campo cultural, lutavam para dar espaço ao elemento mais peculiar dos novos tempos, miscigenado e representativo das novas classes da sociedade. Em ambos os casos, todavia, o objetivo pareceu ser o da diferenciação em relação à Europa.

Decerto que era praticamente inevitável não buscar em fontes européias subsídios para tratar sobre o “povo”. Peter Burke, em a “Cultura Popular na Idade Moderna”, afirma, dentre outras coisas, que para os intelectuais da Europa de 1500 a 1800, era fundamental organizar os traços da literatura tradicional a fim de não se perder a idéia de nacionalismo. Ratifica, ainda, que essa prática partira das chamadas regiões “de periferia cultural do conjunto da Europa”, com o senso claro de que “a descoberta do dialeto era um elemento divisor” entre a “cultura erudita” e a “cultura popular”¹⁰.

Aqui, essa informação interessa para o entendimento dos constantes diálogos extra e intranacionais mantidos pelos escritores brasileiros quando da popularização da temática acima referida. Em José Veríssimo isso não pareceu ser diferente, quando em janeiro de 1879 publica “Cantos Populares no Brasil”, no jornal “Liberal do Pará”, na capital da Província do Pará.

O escritor inicia esse texto com uma ampla discussão sobre a “esthetica de um povo ou de uma raça”. Anuncia, desde já, um método de análise, enfatizando que na Europa esse assunto toma proporção significativa:

⁹ Conferir BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. (Tradução de Denise Bottmann). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, (?).

¹⁰ Ibidem, passim.

Actualmente esses estudos [sobre as tendencias, qualquer que sejam, políticas ou estheticas de um povo ou de uma raça] tomam lá fora vastas proporções, porque a crítica compreendeu quanto são elles uteis, como materiais para a historia da humanidade. Os leitores d'estes folhetins não hão de estranhar, pois, quem em falta de assumpto, como agora acontece, fornecido pelo nosso viver, eu lhes dê para ler estas notas colhidas no estudo dos proprios factos ou dos livros sobre o assunto.¹¹

É claro, nesse trecho, um Veríssimo preocupado com o que estava acontecendo ao redor do Brasil e, ainda, com a adequação a materiais estritamente palpáveis para a verificação do fato a que se propõe estudar, pressupondo já o olhar do escritor para com a chamada “ciência nova”, surgida com mais ênfase a partir da década de 70. Sua proposição inicial é discutir, tomando com parâmetro essas novas teorias, a escassez de trabalhos sobre a poesia popular do Brasil, não que escritores como Barbosa Rodrigues, Ferreira Penna e Bates, por exemplo, tenham se eximido de tratar sobre o assunto, mas porque era evidente, para o autor, o quão “a-críticos” foram os estudos que se divulgaram até aquele momento sobre a possível riqueza da poesia indígena.

Critica diretamente os trabalhos de Couto de Magalhães e Joaquim Norberto por traduzirem aquele elemento étnico como verdadeira teogonia. Veríssimo afirma:

O sr. Couto de Magalhães (vid. “O Selvagem”) que tão extenso é sobre os mythos indigena, tras tantos cantos é breve, brevíssimo, contentando-se com citar alguns poucos versos em tupi que serviam para invocações pessoas a “Rudá” o deus do amor. É notável que conhecendo como conhece uma multidão de tribus selvagens, sé d'esses poucos versos faça menção, versos que não forão recolhidos do proprio gentio, mas ensinados por uma senhora velha de Santarém. O sr. Joaquim Norberto espalhou, sem crítica, a idea, bebida em alguns trechos de Levy e Trevet, de que os indígenas possuíam uma rica poesia. Recusamos, n'este ponto, as observações d'esses dous escriptores, do último principalmente que é o reconhecido “ffronté” a quem se deve a invenção de uma pretendida “theogonia” tupi.¹²

Reconhecido os parcos critérios de pesquisa de Magalhães em relação à coleta de dados, Veríssimo não duvida em ratificar a presença de uma voz institucional, representada pela figura de Joaquim Norberto, que forçosamente cria “uma pretendida ‘theogonia’ tupi”. A idéia de nação, em meados do XIX, está paralelamente ligada ao progresso trazido pelo positivismo, determinismo, darwinismo, não utilizá-las seria,

¹¹ VERÍSSIMO, José. “Cantos Populares no Brasil”. **Liberal do Pará**. Belém, 19 de janeiro, 1879, p. 01.

¹² *Ibidem*, p.1.

praticamente, excluir-se do campo maior de discussão, isto é, perder a tão almejada identidade de “homem de letras”.

O que acontece, a partir da formação desse grupo “civilizador”, é o reconhecimento de uma nova organização cultural, efetivada seja pela “mistura do tupi com o português” seja pelo antepassado histórico em Portugal, especificamente relacionado às “festas portuguesas”. O escritor, assim, define sua segunda conjectura:

O Canto popular brasileiro é já um producto importado e assimilado, desenvolvendo-se nas nossas regiões onde os meios lhes são mais favoráveis, nas províncias pastoris por exemplo. A não ser no desafio dos nossos “ba’uques e cateretês”, raro toma elle uma feição caracteristicamente nacional onde se sinta já a inspiração collectiva de um povo, traduzindo-se em uma forma esthetica mais oo menos original.

(...) Ninguem até hoje se deu entre nós ao trabalho aliás difficilimo, de colleccionar os nossos cantos populares (...) Estas notas servem apenas para dirigir um trabalho moroso e difficil, publicando as nada mais queremos senão despertar nobres estímulos (...)¹³

Estabelecem-se, por assim dizer, os primeiros momentos do papel do escritor para com a sociedade brasileira. A expressão da nação como uma unidade literária, coesa, de certa forma, seguindo o que de moderno havia nos “países-sede” de civilização. Por isso, percebe-se, também, um Veríssimo questionador dos moldes de crítica seguidos até então por alguns escritores. Para apresentar a “modinha”, por exemplo, censura, novamente, o estudo “de imaginação”, em detrimento do empírico:

A mania da imitação, quereria talvez que pelos princípios da crítica positiva, limitamo-nos a observação dos factos a que encontramos, a provas quase materiaes, desprezando opiniões mais ou menos correntes entre os homens de imaginação, romancista ou poeta, e autorizadas até por nomes do “Instituto Histórico” (...) A imaginação, os argumentos da velha lógica, que nos podião levar muito longe, são instrumentos nocivos na crítica (...)¹⁴

Considerando essas afirmativas, dá-se início à apresentação da origem da “modinha”. Afirma ser ela caracterizada como tal a partir do momento em que as “vozes” do povo transformam-na em elemento coletivo. Não obstante, ser uma “forma popular” da “velha e aristocrática moda portuguesa”, “é a xacara dos trovadores e castel

¹³ Ibidem, p.1.

¹⁴ VERÍSSIMO, José. “A modinha e a canção popular”. **Liberal do Pará**. Belém, 26 de janeiro, 1879, p. 01.

de guitarristas transformada pelo povo”¹⁵, que a faz ser a expressão dos sentimentos de um povo. Coletividade, segundo ele, ainda não presente de todo no Brasil, devido o “temperamento melancólico amoroso do brasileiro (...) que se desenvolvem em um meio não moralizado pelo casamento”. Define, pois, o que é canto popular brasileiro,

de que a “modinha e mais uma forma, não pode deixar de ser o que e: simplesmente o producto de uma inspiração pessoal e, por assim dizer, uniforme, embora assimilada pelo povo – o que a faz tomar a denominação d epopular. Dissemos que não podia deixa de ser assim porque o canto popular, em geral, a expressão dos sentimentos de um povo e a consagração das suas tradições, ou guerreiras, ou religiosas, ou ethnicas, nacionais emfim; e nós, resultado do cruzamento entre duas raças diferentes e de um meio geographico, climaterico e social naturalmente diverso dos meios em que vivião ambos (...) nó não podemos ter tradições. As tradições portuguesas, ficarão na península, assim como as indígenas, se as havia morrerão com a raça a que pertencião. Nós producto autônomo déssas duas raças, somos um povo diferente de ambas.¹⁶

Em seguida, a linguagem da retórica é tida como uma das principais causas do empobrecimento dessa poesia do Brasil, principalmente porque alguns poetas utilizam-se dos temas “pátria, guerra, monarca” como “produções que aspiram [se] tornarem nacionaes”. Devido à retórica, afirma Veríssimo, “O povo ficou de parte; os poetas cortesãos fizeram então as suas canções, bajuladoras¹⁷ (...):

Os verdadeiros cantos nacionaes, tornam-se em breve populares, quando traduzem os sentimentos de um povo, e não pelas influencias dos governos. “Rouget de L’iste” é o autor de (?), mas nenhuma canção em França é mais popular do que o sublime canto, que não traduz somente a aspiração de um povo para a liberdade, mas é já hoje o grito de emancipação de todos os povos.¹⁸

O que se pode destacar nessas afirmativas é uma resposta direta de Veríssimo sobre o que se vem construindo como poesia popular brasileira, cujos escritores são, a seu ver, os maiores responsáveis. Novamente, referencia o nome de Couto de Magalhães para sustentar a tese de que nossa poesia não é fruto das influências da sociedade romana: “Não nos parece justa a comparação que faz o illustre ethnologo

¹⁵ Ibidem, p.1.

¹⁶ Ibidem, p. 01.

¹⁷ Exemplo de uma canção analisada por Veríssimo: “Da nossa glória, o regente/ Só tu senhor podes ser/ Ou Pedro, ou deixa a vida/ Independência ou morte// Jura o povo brasileiro/ Dar contente os (?) e a vida, /Pela pátria tão querida/ Pelo grande Imperador.”.

¹⁸ VERÍSSIMO, José. Op. Cit.

d'esses productos litterarios (?) do selvagem brasileiro com as fabulas de Esopo e Phedro”.

Para Veríssimo, Magalhães, com o propósito de elevação da poesia, acaba escondendo muitas peculiaridades do “mythos do nosso gentio”, o que de certa forma é desnecessário, pois os elementos que constituem esse mito já são, por si só, a representação “dos mais antigos vestígios que restam hoje do pensamento primitivo”. Por isso, propõe a si mesmo a tarefa de “desvendar” o porquê de certas posições teóricas.

Quando, começando a estudar um pouco a nossa ethnologia, vieram nos as mãos o livro do sr C. de Magalhães, e um pequeno trabalho do professor Hartt, foi com verdadeira surpresa que soubemos quão preciosos eram esses contos [os mitos dos jabutis, da mucura, dos macacos] que de muito conhecíamos. Desde então temol-os lido e relido rporcurando encontrar n'elles um facto, um só, que provasse esses mythos não serem uma manifestação do pensar primeiro da humanidade, mas um producto de épocas relativamente modernas, das que se succederam a conquista mesmo.¹⁹

Examinando aqueles contos [os mitos dos jabutis, da mucura, dos macacos], Veríssimo chega a seguinte conclusão:

(...) quanto mais lemos esses mithos mais nos convencemos as sua originalidade. A cor local abundante e profundamente verdadeira, o realismo das scenas, das comparações e das figuras, o conhecimento perfeito das mínimas particularidades da nossa natureza, como o tempo em que florescem e fructifivam certas arvores ou os costumes dos animaes, tudo ahi é pintado com tão rigorosa exactidao que afasta qualquer idea que se possa ter de julgar esses mythos filhos de outros homens que não os que habitavam já esta região antes de qualquer das conquistas conhecidas.²⁰

É manifesto o interesse pela divulgação da cor local como representação “realista” da sociedade brasileira. Portanto, para um trabalho respaldado cientificamente não basta somente afirmar o valor do mito indígena como constituinte da origem primitiva do povo, é de suma importância atentar para o fato de que sem a interferência de uma tradição e de um meio não há a constituição dos contos populares. “Neste ramo de poesia popular não duvidamos afirmar que somos nós um dos povos mais ricos”.

Ainda, determinante, critério de feição nacional, para a constituição de uma etnia particular ao homem das Américas, é de valor a “missão” dos “Homens de Letras”, seja

¹⁹ VERÍSSIMO, José. “O conto popular”. **Liberal do Pará**. Belém, 2 de fevereiro, 1879, p. 01.

²⁰ Ibidem, p. 01.

na mudança para um paradigma metodológico empírico, seja na construção de um discurso consciente dos valores de identidade uma nação.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Europa, 1500-1800. (Tradução de Denise Bottmann). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, (?).
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **A encenação da imortalidade**: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Direitos e Esquerdos Autorais. In: _____. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999
- SOUZA, Ricardo Luiz de. Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero. **Revista de História Regional**, (1): 9-30, Verão 2004.
- VERÍSSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo visto por dentro**. Série Raimundo Monteiro. Vol. III. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- VERÍSSIMO, José. Contos Populares no Brasil. **Liberal do Pará**. Belém, 19 de janeiro, 1879, p. 01.
- VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros**. Pará. Editores Tavares Cardoso & C^a. Livraria Universal. 1889, p. 139.